



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**AS MARGINAIS, AS PERDIDAS, AS HONESTAS E AS DESEJADAS:
AS CATEGORIAS DA IMAGEM FEMININA NA IMPRENSA
CURITIBANA NOS ANOS 1980**

Samara Elisana Nicareta*

Percorrendo os primórdios da humanidade nos deparamos com algumas formas de aprisionar, controlar, persuadir, dominar, anular ou até mesmo destruir o ser feminino, a Mulher ou sua representação, simbolismo e signo. Um misto de incompreensão, medo, misticismo e adoração são enlaces presente na conformação destes signos, marcas que elas carregavam ao serem vistas, usadas e abusadas pelos seus Senhores, homens. Diferentes no corpo, no pensamento, nas atitudes, “mágicas” em um certo tempo pela capacidade de “dar a vida”. Mulheres incompreendidas e julgadas como bruxas, marcadas pelo pecado, como ruína dos homens, símbolo de luxúria e de instrumento de poder, de supressão ou de manifestação social. Os adjetivos sobre a condição feminina ultrapassam as fronteiras do tempo e do espaço, muitos povos e nações, construíram uma cultura marcada por uma visível separação entre o universo masculino e o feminino; uma polaridade perene no tempo. A identidade social feminina passou por várias atribuições, chegamos ao final do século XIX com a divulgação do modelo imagético da mulher dona de casa, isolada na sua condição de vida privada. Deste ideário, passamos a construção de uma nova mulher, guerreira e lutadora de seus direitos políticos, angariando seu direito

* Doutoranda em Educação (Universidade Federal de Santa Catarina), Professora da Rede Municipal de Educação de Curitiba e Pedagoga da Rede Estadual do Paraná.

ao voto. A luta por igualdade e visibilidade social levaram-nas ao mundo do trabalho, novamente uma batalha de sobrevivência se instaurou, temos neste momento a imagem da mulher pública.

Muito tempo se passou deste a primeira luta por direitos sociais e políticos, mas ainda encontramos formas de reprodução e perpetuação desse binarismo social, sendo alocados em vários suportes de comunicação, dentre eles destacamos a mídia impressa. No jornal, verificamos o uso de imagens que servem tanto para atrair comercialmente para determinados produtos, para espetacularizar acontecimentos e fatos, como também servem para focalizar e localizar pessoas numa dada condição social, política, de relações de poder obscuras e permeadas por uma lógica masculina.

Acreditamos com isso que, toda imagem apresenta em seu cerne um projeto civilizador, uma construção disposta a ser difundida e reproduzida no âmbito da sociedade. Esta premissa nos leva a considerar que toda seleção de imagem, mesmo que aparentemente não intencional, acabe por perpetuar determinados padrões culturais impostos, descritos como desejáveis. Este trabalho é uma categorização deste imaginário latente, uma tentativa teórica ainda que fecunda carece certamente do aprofundamento, todavia, uma crítica necessária para reabrir um debate sobre a identidade feminina e sua representação social.

CARACTERIZANDO OS JORNAIS ENQUANTO FONTES DE PESQUISA

Ao nos debruçarmos sobre a mídia impressa, o impresso, como fonte de circulação de ideias, devemos considerar que, segundo Braudel, estamos no tempo curto, tempo este dos jornais, dos acontecimentos cotidianos, compartilhando-o com homens que mandam no jogo, ou pensam mandar. É um tempo próprio, do dia-a-dia, que se apressa para se consumir depressa, tudo e de uma vez por todas, à medida que envelhecemos. “Na verdade, é apenas a superfície do tempo presente, as ondas ou as tempestades do mar.” (1992, p.369).

Estamos imersos nesta corrente fluída, participando ora de forma ativa e subjetiva, ora flutuando ao gosto da maré, construindo e reproduzindo de representações sociais cada vez mais aludidas e arraigadas, a imprensa urge desta análise não corriqueira, empreendendo um conjunto amplo de significações sociais e políticas.

A imprensa paranaense, tida neste momento como objeto, é formada por jornais de abrangência regional, apontam e incutem um determinado padrão proposto para a mulher no limiar dos anos 1980, proposto a partir da própria sociedade, das relações postas, expostas e obscurecidas. Estes padrões consolidados nas páginas hoje amareladas, não deve ser considerados estagnados, limítrofes ou mesmo pontuais, posto que representam diferentes cenários, diferentes formas de olhar a construção de divergentes imagens femininas. Consideramos, para este estudo três jornais de grande circulação comercial no ano de 1980: Gazeta do Povo, Diário Popular e Tribuna do Paraná. Salientamos que em 1980, período ditatorial, o presente da censura política, social e cultural permeava as publicações brasileiras, repercussão da lei n.º 5.250/1969.

Os jornais tiveram grande difusão na sociedade curitibana, mobilizadores de perspectivas, criadores de um campo ideológico e reprodutores das manifestações e conflitos da própria sociedade.

A Imprensa é linguagem constitutiva do social, detém uma historicidade e peculiaridades próprias, e requer ser trabalhada e compreendida como tal, desvelando, a cada momento, as relações imprensa/sociedade, e os movimentos de constituição e instituição do social que esta relação propõe. (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 258).

Existe uma forte união entre imprensa e sociedade, essa foi inventada para ser um instrumento de divulgação dos valores sociais instituídos, também utilizada para se construir ou se destruir ideologias, sem contar, na formulação de uma linguagem publicizada, que acompanha as transformações histórico-culturais. Enfim, a imprensa está aí para informar, formar ou deformar, conceitos, visões de mundo, declarar o certo ou errado, polemizar, anunciar padrões de comportamento instituídos e validados quanto ao gênero. Para este trabalho, buscamos como fontes históricas os jornais: “Gazeta do Povo”, que começou a circular em 2 de fevereiro de 1919. Sendo um material impresso a serviço da sociedade, sabemos que o mesmo sofreu alterações, de acordo com inúmeras influências. Tudo indica que a “Gazeta do Povo”, num primeiro momento possuía características apolítica e independente, com manchetes e artigos de uma certa linha de pensamento. Mais tarde, o jornal se notoriou com uma participação no mercado editorial de Curitiba, produzindo um jornalismo com características regionais e como prestador de serviços. O jornal é ainda hoje amplamente distribuído na capital e no interior do Estado.

Outro jornal de grande circulação em Curitiba foi o “Diário Poupular”, fundado em 1963 e extinguido em 2010. A princípio, estava focado ao público da região metropolitana de Curitiba, mais tarde ampliou sua distribuição para todo o Estado do Paraná e Santa Catarina. Trazia em suas edições temas de um jornal tradicional, discutindo questões da cidade de Curitiba, informações regionais, nacionais e internacionais. A terceira fonte, é o jornal Tribuna do Paraná, fundado em 1956, circula diariamente na capital paranaense e em algumas cidades do interior, os temas veiculados são de cunho popular, principalmente, notícias esportivas, variedades, violência urbana e assuntos do cotidiano paranaense.

As três fontes investigadas trazem no seu interior as marcas de uma transformação editorial, imbuídos de uma missão pública, os jornais acompanham as mudanças sociais, culturais e políticas. São pensados, estruturados e diagramados com uma intencionalidade objetiva em comunicar ou expressar ideais. Neste sentido,

a própria configuração do que hoje entendemos como um jornal, ou uma revista, um gibi, uma revista semanal noticiosa, um jornal da imprensa sindical são elas mesmas produto da experimentação e da criação social e histórica. Nesse processo de configuração dos veículos, seus conteúdos e formas, as convenções sobre como deve ser feito e o que deve conter um determinado jornal ou revista são negociados social e culturalmente, num espaço de um diálogo conflituoso sobre o *fazer imprensa* a cada momento histórico. (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 259)

Independente de estarem ou não em circulação, os jornais noticiam uma certa configuração do social, utilizando de uma linguagem as vezes apelativa, espetaculista, argumentativa e consumista. Atende aos apelos editoriais, mas principalmente, sabem como atingir seus leitores, oportunizando um repertório variado que atrai o leitor de várias idades.

DEBATENDO NOVAS CATEGORIAS PARA A IMAGEM FEMININA

A construção do imaginário feminino, congrega diferentes padrões, tradicionalmente amparados na polarização de um binômio: boa e má. Este agrega ao longo da produção historiográfica diferentes acepções: mãe e prostituta; mulher pública e privada; pura e bandida; beata e impura. Mulher como “rainha do lar” (LIMA, 2012), aponta as potencialidades e fragilidades femininas, relacionadas aos afazeres domésticos em oposição ao espaço público. Ora vista como a Mulher bruxa / fatal tendo sua

“...imagem díade e contraditória, ora como uma mulher idealizada como a inocente, a mãe perfeita, dedicada ou a divinizada; ora como a sedutora, a bruxa ou a femme fatale” (SANTOS, 2012). Evidenciada como “sexo frágil”, relacionada a urbanização e europeização, condição ligada a papéis sociais atribuídos à mulher no novo cenário social (VERONA, 2007). Na condição de Mulher-Demônio *versus* Mulher-Anjo, atribuído nos contos de fada dos irmãos Grimm. (OLMI, 2006); ou ainda vista como Mulher do lar ou Mulher da vida, nas representações em Revistas femininas, *Cláudia* e *Nova* (SEVERO, 1995); a mulher configura-se em dois ambientes, em duas instâncias de poder sempre voltadas para o público ou para o privado. Neste estudo estaremos debatendo uma polinização de categorias, postas a ver a partir da imagem exposta, colocada a público, recheada de intenções e dotadas de um conjunto específico de ideais voltados a construção de um projeto de sociedade contemporânea.

Assim, desfocamos este enquadramento polar e dissonante, pois além de superficializar, torna-se absolutamente ideológico, ora pela corrente confessional, no qual a igreja determina os padrões aceitáveis para a ação social da mulher, ora pelo próprio patriarcalismo que incide um discurso de opressão e toda imagem da mulher que não se enquadre é vulgarizada e secundarizada.

Adentamos a dimensão do imaginário social (CASTORIADIS., 1982, p. 13), “o imaginário de que falo não é imagem de. É criação incessante e essencialmente indeterminada (social-histórica e psíquica) de figuras / formas / imagens, a partir das quais somente é possível falar-se de “alguma coisa”. É criação e reprodução, numa lógica espacial e espectral de configurações de padrões que tomam corpo, fala e moldam os sentidos e os costumes socialmente instituídos. Assim também, como numa montagem, instalação, obra de arte e fotografia, o resultado da obra, do imaginado torna-se um espectro, um resquício de realidade, como artefatos que são unidos para compor um acervo arqueológico, os detalhes empreendidos na montagem, figuração, iluminação e composição postural dos modelos, intencional ou não, resultam numa dada forma de comunicar expressões sociais. Para Barthes (1984), todo o empreendimento imaginado e construído antes da execução de um retrato, em duas dimensões, faz parte do *studium*, assim como a escolha do ambiente, dos personagens a serem retratados. “O primeiro, visivelmente, é uma vastidão, ele tem a extensão de um campo, que percebo com bastante familiaridade em função de meu saber, de minha cultura, [...] É o *Studium*” (p. 44-45); O segundo, o *punctum*, traz o particular. “É ele que parte da cena, como uma flecha, e vem

me transpassar” (p. 46). São detalhes, os pontos de atração do olhar, o que se destaca ou o que está por vias de se esconder.

Analisando tanto o *studium* quanto o *punctum* temos condições de desvelar as sutilezas da imagem, entretanto estaremos nos limitando apenas a questão do olhar, frente as três intenções propostas por Barthes: fazer, suportar, olhar” (BARTHES, 1984, p. 20). Estaremos assim utilizando o “olhar” enquanto interpretação do observador. Um olhar para o espectro feminino, para a foto produzida com intenção de comercializar a informação, produzir e difundir um sentido próprio, um valor, uma ideia, um projeto de sociedade, e, uma relação de poder.

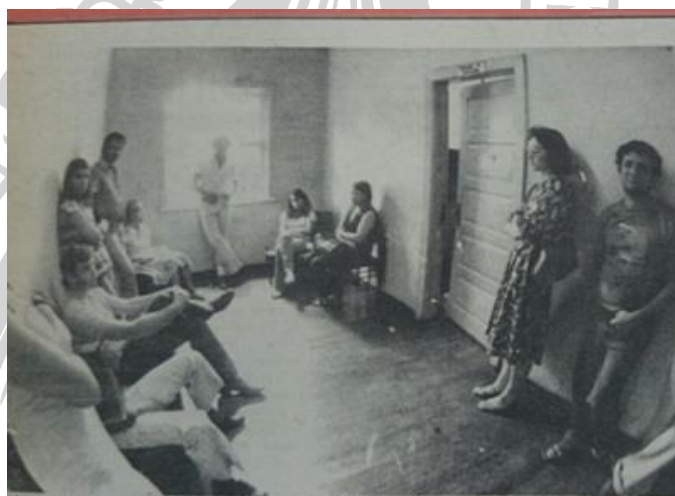
Nesta dimensão do olhar, o feminino assume uma forma mais peculiar, as relações de poder expostas são carregadas de valoração própria, vistas do ponto de vista masculino, reduzem, apontam e congregam diversos axiomas presentes no cotidiano. Estes, carregados de significados são difundidos, aceitos como padrões aceitáveis ou execráveis de uma certa condição social. Desta forma, ao valorar a posição de poder da mulher já estamos determinando sua aceção social, e conseqüentemente validando um discurso social posto no jogo de poder da sociedade curitibana no ano de 1980. Dissuadir tais análises, conseqüentemente num discurso fragmentado com categorias heterogêneas ao objeto histórico posto, transbordaria esta tentativa de romper com parâmetros postos, numa simples defesa ideológica do presente sobre o passado.

As perdas vulgarizam o sexo, partilham uma esfera do promíscuo, possuem aspectos marcantes de pobreza, numa exposição pública das mazelas humanas. São aquelas que não demonstram, ou não possuem, nenhum atributo de poder, não exercem influência social, econômica, cultural, nem sequer o fascínio do ideal masculino de sexualidade. Aturdidas pela sua própria condição humana, ficam a própria sorte da sociedade. Sua imagem denota evitar o empoderamento social da mulher, tornando-se um exemplo a não ser seguido. Coloca a mulher no papel secundário na sociedade, ou sequer posiciona ela nas estruturas de poder e relação social da sociedade. Utilizando as categorias de Barthes, temos como *studium* o ambiente, um baile ou festa identificamos um casal em trajes de verão, o que salta aos olhos, o *punctum*, é a mão que tenta esconder o rosto, a forma como o corpo da mulher está sendo amparada e o ventre a mostra.



Fonte: Diário Popular, 20 de fevereiro de 1980, p.3.

Na fotografia a seguir, vemos uma sala de espera, de um ambulatório ou de uma delegacia, várias pessoas estão esperando para serem atendidas, percebemos homens e mulheres, denota-se assim a composição do studim, traz também a luminosidade refletida no chão, a janela, como um raio a adentrar o ambiente clareando o que está nebuloso, a luz que traz esperança a aqueles que esperam por mudanças.



Fonte: Tribuna do Paraná, dia 3 de janeiro de 1980

As honestas, simbolizam um estilo de amparo e preocupação social, comumente tratadas como damas da elite socioeconômicas, são mulheres públicas que difundiam relações de poder amparadas na reprodução de padrões culturais hegemônicos. Tem um poder sempre relacionado ao patriarcalismo, sempre atrelada ao homem, em qualquer meio social. São colocadas como exemplos a ser seguidos, anteparos da masculinidade. As propagadoras da cultura masculina. Todavia, neste jogo de poder e de relações sociais, limitam-se as regras sociais lhe impostas, neste caso,

...são as mulheres (mãe, filhas, irmãs) as responsáveis pela honra familiar. Cabe portanto aos homens (pai, filhos, irmãos) o controle sobre a virtude feminina. Virtude que é reconhecida publicamente pela categoria respeito. Uma mulher de respeito e, portanto, uma mulher que está adequada aos comportamentos reconhecidos socialmente como femininos. (GROSSI, 2004, p. 13).

Uma mulher de respeito ou honesta precisa estar atenta às necessidades de sua prole, de seu marido, de seu lar. Seu limite de atuação social é demarcada com ações que envolvam os cuidados com a família, com a divulgação de preceitos religiosos, preocupação em mobilizar a sociedade com eventos beneficentes. Uma atuação estendida até um certo limite social, desde que estejam em consonância com os comportamentos socialmente instituídos a condição feminina. Neste sentido, possuem uma flexibilidade social vigiada, construída a partir do referencial masculino.



Fonte: Gazeta do Povo, dia 13 de janeiro de 1980, p.5.

Exercitando Barthes, vemos uma polaridade no studium, de um lado um grupo de mulheres, Freiras e Senhoras do Lions Clube, elas estão numa escada, num patamar superior, expondo os donativos de uma campanha realizada a um asilo, estão servindo a comunidade, assistencialismo, do outro lado estão os donativos arrecadados. O que chama a atenção são sutilezas, como a centralidade da Freira, a bandeira do clube, os sorrisos, como que identificando uma missão cumprida.

A seguir, temos o retrato de duas jovens senhoras segurando seus filhos, elas estão num ambiente fechado, estão com os cabelos alinhados, maquiadas, felizes. Esta

cena sendo conduzida na análise de Barthes, no studium reflete a boa mãe, modelo de mulher dócil e amável. Chama a atenção a alegria, os lábios, como no punctum, expressando a jovialidade e felicidade no cumprimento de uma tarefa do lar, apresentação do seu rebento.



Fonte: Diário Popular, dia 14 de março de 1980, p.2.

As marginais

As marginalizadas, advém de outro espectro da sociedade, exigem astúcia e perspicácia, rompem com os padrões comuns, pois, adentram o universo do crime, um ambiente masculino, e garantem seu poder através de suas artimanhas nebulosas. São colocadas a margem da sociedade, se utilizam da violência, ou fogem dos padrões sociais instituídos. Por seu empoderamento quebram as estruturas sociais, são masculinizadas.



Fonte: Tribuna do Paraná, 03 de janeiro de 1980, p.1.

Na análise do studium, temos um corpo feminino que aguarda, espera para ser atendida numa sala, neste caso, numa delegacia. Suas roupas são simples, como simples

é a vida de uma mulher pobre. O que nos ataca, como flecha, o punctum, são as mãos que tentam encobrir o rosto, como algo vergonhoso que precisa ser escondido.



Fonte: Diário Popular, 29 de janeiro de 1980, p.1

Temos aqui a imagem de mulheres que foram detidas para um interrogatório, na manchete estava estampada a frase, “As marginais”, No studium, percebemos que se trata de quatro mulheres que foram emparedadas, elas estando conversando, são mulheres simples, não possuem nenhum atrativo em si. Aparentemente são pobres, descuidadas, uma delas é negra. Chama a atenção a mão que tenta arrumar os cabelos, o afastamento da mulher negra, que tenta desviar as câmeras olhando fixamente.

As desejadas compreendem um grupo selecionado pelos homens, para seu uso público e sexual. Este seletivo grupo de imagens acaba se confundindo com pornografia, mas, ultrapassa seu limite de cena privada, de conotação puramente para o prazer individual, cerceia a dimensão pública, abrange a conformação mais que um padrão de beleza, mas de sensualidade, um poder desejável e controlável pela dimensão do sexo.

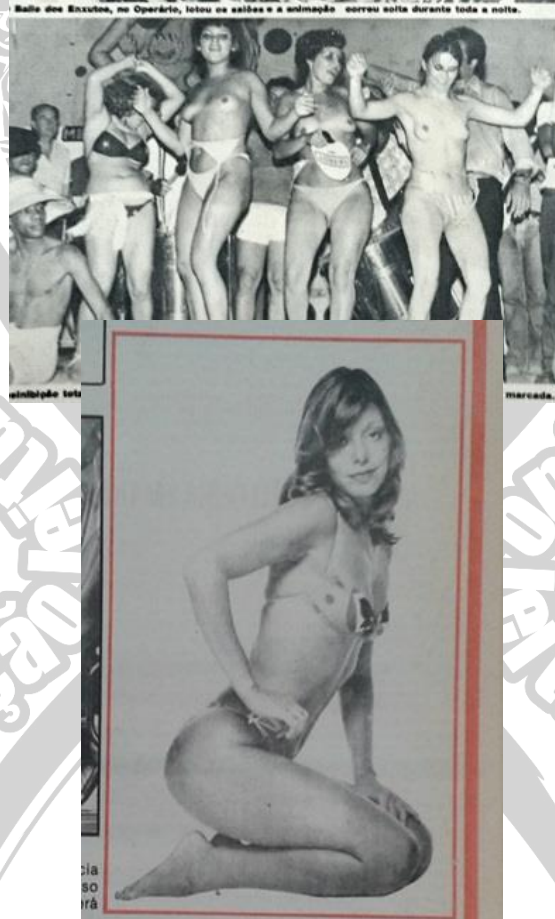
Consideramos que...

A pornografia é um aprendizado da sexualidade que se dá coletivamente, que não se faz individualmente. O próprio fato de se tratar de fotos de mulheres, de “mulheres de papel”, as quais se toca pelo papel, permite que o olhar masculino sobre as mulheres se transforme num objeto, que é um papel que se pode consumir. (GROSSI, 2004, p. 9)

A dimensão pública expurga esta individualidade para o plano social, torna-se aceitável aos olhos de qualquer sujeito, um exemplo às mulheres, um padrão masculino de sensualidade. As desejadas não são menosprezadas, são glorificadas, não são consideradas perdidas, pois manifestam o poder feminino através da sensualidade

explícita e pública na sua própria imagem. Poderia ser confundido com a promiscuidade, mas ao ser difundida como dado padrão de sensualidade, acaba abrangendo uma dada liberdade sexual, alcançando um público amplo e muito diversificado, não sendo restrito a marginalização, comumente atrelado a prostituição.

Fonte: Tribuna do Paraná, dia 19 de fevereiro de 1980, p.1.



Destaque no *studium* fica por conta de ser uma festa de carnaval, existe uma banda e as mulheres estão dançando, surgem fantasias, decorações, a foto foi retratada para destacar quatro mulheres. Atenção ao *punctum*, fica por conta do ângulo em que as mulheres foram retratadas, salta da fotografia os seis expostos, as expressões faciais das mulheres e a exposição de seus corpos.

Fonte: Diário Popular, dia 20 de Janeiro de 1980, p. 01

Na dimensão *studium*, temos uma mulher de biquíni que está posando possivelmente num estúdio fotográfico, ela está sentada em suas pernas, a cabeça está levemente de lado. A mulher está mostrando seu corpo sensual, numa exposição ao

público. O destaque fica por conta das coxas e dos glúteos que ficam em evidência, o cabelo encobrendo parte de seu olhos, dando um ar angelical.

CONCLUSÃO

A articulação do universo feminino, desta forma, permeia um discurso imagético, silencioso e dotado de signos; ideológico e apropriado por uma época de abertura política, social e cultural, que extravasou os limites do lar, passando a perceber a mulher pública nas suas diferentes acepções.

Dependendo do momento histórico, o recorte cronológico específico e a situação social e cultural deste, as categorias se emergem. Dito isto, ao relacionarmos a história intelectual poderemos perceber que o individualismo pode tornar-se mutável ao longo das particularidades. Não ficando condicionado em dada condição, podendo a qualquer momento subverter a determinada categoria. A exposição da mulher revela uma intencionalidade. Não podemos personalizar essas categorias em sujeitos históricos, pois caracterizam um momento histórico, definido e particular por uma imagem, uma impressão, um imaginário corrente e posto em circulação. Ao tratar da análise imagética a dicotomia do ambiente feminino em público e privado não se revela satisfatória, visto que a imagem é posta a público com uma intenção de demarcar socialmente posições estabelecidas para o feminino. Utilizando as duas categorias de Barthes, o studium e o punctum, revelamos ao público detalhes que se fazem presentes e servem tanto para chamar a atenção, encobrir ou dar um valor a mais a determinadas partes do corpo da mulher, por exemplo. Cada foto é regida por uma composição, um cenário que ajuda a determinar o grau de valoração dada a condição da mulher retratada.

Nos três jornais em destaque, a maioria das mulheres retratadas podem ser classificadas nas categorias aqui expostas, sendo que as desejadas acabam perseverando como instrumento de venda, para chamar a atenção do público-leitor, no qual se julga predominantemente masculino, sendo espaço reservado para as honestas, desejadas, e marginalizadas, sendo as perdidas, que se apresentam como o próprio nome diz, perdidas no tempo e espaço, pouco ou nenhum espaço. A singularidade de cada imagem demarca um aprofundamento necessário, uma pluralidade de funções e convicções sociais se estabelecem num olhar revelador das sutilezas do feminino na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, R. **A Câmara Clara: Nota sobre a fotografia.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BRAUDEL, F.. **Reflexões sobre a História.** São Paulo: Martins Fontes, 1992

BRASIL, Lei nº 5250 de 9 de Fevereiro de 1967.

CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição imaginária da sociedade.** Trad. Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do R. da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, nº 35, p. 253-270, dez/2007.

GROSSI, Miriam. **Maculidades: uma revisão teórica.** In: Antropologia em Primeira Mão. Florianópolis, 2004, p. 4-37.

LIMA, Joelma V. O Jornal das Senhoras, um , projeto pedagógico: mulher, educação, maternidade e corpo (Rio de Janeiro na 2ª metade do século XIX). **Projeto História**, São Paulo, nº 45, pp. 397-403, dez, 2012.

OLMI, Alba. Renovando a tradição pelos caminhos da intertextualidade. Signo, UNISC, Especial – II Colóquio Leitura e Cognição, 2006.

SANTOS, Joelson. S. O Feminismo como elemento cortante. **Anais Eletrônicos do IV Seminário Nacional Literatura e Cultura**, São Cristóvão/SE: GELIC/UFS, V. 4, 3 e 4 de maio de 2012.

SEVERO, Marza. A imagem da mulher em revistas femininas. **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, v.15, n.1-3, p. 22-25, 1995.

VERONA, Elisa M. **Da feminilidade oitocentista.** Dissertação de Mestrado, Faculdade de História, Direito e Serviço Social, da Universidade Estadual Paulista – Julio de Mesquita Filho, 2007.

